



de cidadãos norte-americanos negros pela polícia, em Baltimore, em 2014, e em Mineápolis em 2015; a auto proclamação do Estado Islâmico em junho de 2014, reivindicando a instauração de práticas religiosas e a liderança do mundo islâmico sob a forma de califado. Estas terão sido as insurgências mais mediáticas, outras se sucederam, com caráter local, estratégias menos impactantes e agendas mais discretas.

Todos estes factos remetem para distintos tipos de insurgências, com diferenças tão significativas que em alguns casos tornam os movimentos insurgentes antagónicos. Se algumas dessas insurgências correspondem a processos insurreccionais conservadores como as “velhas” lutas operárias e insurreições guerrilheiras, outras constituem-se como novidade pela forma como acontecem, pelos atores implicados, pela escala em que ocorrem, como são os movimentos emancipatórios de género, etnicidade, sexualidade, meio ambiente, direitos humanos, ou direitos dos animais, entre outros (Della Porta, 2011).

Os processos hegemónicos de globalização, o neoliberalismo exacerbado e o capitalismo selvagem, suscitaram essas novas insurgências, as quais se caracterizam por sinónimos como resistência, resiliência, desobediência, emancipação, indignação e reivindicação, marcadas pela recusa da ordem vigente e pela busca de alternativas. Por isso, esses movimentos apresentam-se como contra-hegemónicos, e apesar de alguma heterogeneidade no perfil dos atores insurgentes, bem como da localização das insurgências, há a cumplicidade de objetivos, argumentos e estratégias comuns, concertadas através do recurso a redes digitais.

Num momento de esgotamento e transição paradigmático, o resgate das *epistemologias do Sul* enquanto questionamento do hegemónico conhecimento científico e correspondentes concepções ortopédicas do mundo, a cujas perguntas fortes apenas são dadas respostas fracas, constitui-se uma das mais importantes instigantes insurgências contemporâneas. Oferecendo a ecologia dos saberes como forma de entendimento do mundo, e clamando pela urgência de mudança civilizacional, pela construção de um senso comum emancipatório e por organizações doutamente ignorantes, politicamente ecológicas e decididamente apostadoras nas potencialidades emancipatórias (Santos, 2008), as *epistemologias do Sul* são a expressão insurgente que se levanta perante a hegemonia do colonialismo, do capitalismo e patriarcado.

Depois da aparente neutralização das insurgências, há como que o retomar de um novo programa insurgente, insurreccional e emancipatório num novo contexto pós-colonial, de cidadania participativa e perspectiva crítica.

#### **Referências e sugestões adicionais de leitura:**

CIA (2012), *Guide to the Analysis of Insurgency*. Washington DC: US Government. [url:<http://www.mccdc.marines.mil/Portals/172/Docs/SWCIWID/COIN/Doctrine/Guide%20to%20the%20Analysis%20of%20Counterir> consulta em 10 de janeiro de 2016].

Santos, Boaventura de Sousa (2008), “A filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80. 11-43.

Della Porta, Donatella (2006), *Social Movements*. Oxford: Blackwell Publishing.

**Carlos Nolasco**, sociólogo, doutorado, investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Tem como áreas de trabalho as Migrações de Trabalho Desportivo, a Sociologia do Desporto, do Direito e a política dos refugiados.

#### **Como citar**

Nolasco, Carlos (2019), "Insurgência", *Dicionário Alice*. Consultado a 27.05.19, em [https://alice.ces.uc.pt/dictionary/?id=23838&pag=23918&id\\_lingua=1&entry=24304](https://alice.ces.uc.pt/dictionary/?id=23838&pag=23918&id_lingua=1&entry=24304). ISBN: 978-989-8847-08-9

